

# Terapia Krahô vence tensões

Uma idéia bastante difundida no mundo dos brancos—pelo menos desde o século XVIII, com Rosseau e sua tese do “bom selvagem”—é a de que índio não tem neurose. Psicanalistas e psiquiatras, segundo se pensa, morreriam de fome se tivessem de morar em aldeias e sobreviver apenas à custa do próprio trabalho. Será isso verdade? Ou essa idéia não passa de um mito a mais sobre os índios, criado pelas imaginosas cabeças de quem sempre viveu na cidade? Ninguém se arrisca a garantir que não existam neuroses nas aldeias. Pelo menos, ao que se sabe,

não há notícias de estudos científicos sobre o assunto. De qualquer forma, é interessante saber que existem, nas comunidades indígenas, mecanismos reguladores das tensões pessoais e coletivas. Na edição de junho pp. PORANTIM contou como os Kulina, no Acre e Amazonas, fazem o Dossehe, uma brincadeira dos adultos e também das crianças, que ajuda a restaurar o equilíbrio da comunidade. Vamos, agora, num relato de Valber Konxá e Rosirene Nascimento, ver como os Krahô, do Norte de Goiás, “liberam suas neuroses” e “descarregam suas tensões”.



sa para todas. Chamam os homens. A medida que vão chegando, saem ao encontro deles e cada uma faz o seu pedido — a que ele precisa responder se aceita. Um mesmo homem pode receber vários pedidos, da mesma forma que cada mulher (moça ou menina) poderá fazê-los a vários homens (rapazes e meninos, inclusive). Para que as tarefas possam ser executadas, as mulheres dão a sua colaboração. No caso, por exemplo, de ser pedido bolo de mandioca (Kwyrkupu), elas vão à roça buscar mandioca e vão até ajudar a ralá-la. No final, cada uma vai satisfeita receber seus presentes e daí se procede a uma intensa presentação de bolos, quando as mulheres vão distribuir para os homens os bolos que ganharam, de modo que não fique ninguém sem receber alguma coisa. Destas brincadeiras participam também as crianças, em igualdade de condições; mas é claro que as mães vão acabar executando a tarefa atinente a seus filhos menores do sexo masculino.

bem podem-se dar outras variações.

### — Programas de separação de grupos por sexo

Distanciamento temporário entre homens e mulheres. Geralmente, promovido por iniciativa destas. Exemplo disso é o que acontece quando as mulheres combinam entre si uma saída para executar alguma tarefa — coleta de frutas, por exemplo — avisando aos homens que fiquem cuidando da casa e das crianças (menos as de peito e as meninas já em condições de participação em tais jornadas) e que façam comida gostosa para esperá-las no dia combinado. Este afastamento pode durar de dois a três dias, ou até mais. Um tal espaço de ausência, dizem eles, “faz sentir falta e saudade”; sem dúvida, é também um remédio para o casal, avivando a afeição do marido para com a mulher e aguçando o apetite sexual; além de as mulheres, é lógico, se sentirem aliviadas, pelo menos por alguns dias, da lida rotineira da casa. Isso tudo é feito dentro de um ritual próprio, em que o reencontro é a parte principal.

### — Tarefas especiais para os homens/pedidos das mulheres

Em épocas em que os homens permanecem muito tempo na aldeia, sem atividades de roça ou de caça e pesca, as mulheres inventam tarefas para eles. P. ex., fazer “comidas especiais” para elas. Isso se dá, mais ou menos, da seguinte forma: as mulheres, reunidas no pátio central da aldeia, combinam a sua atividade, o que vão pedir aos seus opostos. Normalmente, o combinado é a mesma col-

Os “mecanismos reguladores” são variados, já que é imensurável o campo de liberdade das pessoas na aldeia, liberdade esta garantida por um respeito mútuo tão grande que anula quase completamente a inibição do comportamento individual, na medida em que ele não prejudique diretamente a comunidade. Dentro dessa largueza de liberdade de ação, há múltiplas maneiras de um indivíduo recuperar seu equilíbrio emocional, atingido por algum desajuste entre si e a família ou a comunidade — bem como o causado por qualquer situação perplexa que o atinja diretamente, trazendo-lhe tristeza ou saudade (iapaxo). Entretanto, é possível enumerar-se algumas ocorrências mais comuns, ou seja:

— Através do canto, por exemplo: não causa estranheza nenhuma se ver pessoas (homens) que comecem a cantar em sua casa (ou andando pela aldeia) e vão cantando noite a dentro, até serem vencidas pelo sono; ou então pegam o maracá (espécie de chocalho), vão até ao pátio e convocam as mulheres para cantar com eles; a convocação não surtindo resultado, o jeito é cantar sozinho; mas o principal é que, ao voltar a sua casa para dormir, a pessoa já se sente aliviada de sua perturbação ou tristeza. Então, vale o adágio: “quem canta, seus males espanta”.

— Um outro recurso são as viagens (ou “fugas” da aldeia) a uma outra aldeia onde se tem parentes.

Entre as formas coletivas, podem-se citar os seguintes exemplos:

### — O “xingagatório da lua nova”

No primeiro dia da lua nova — quando esta, após o pôr-do-sol, se destaca no oc-



Fotos: Valber Konxá

A corrida de bastão é um dos mecanismos de equilíbrio social

dente — cada um (homem, mulher, menino ou menina) pode fazer o xingamento que quiser, dirigido a quem quer que seja. As imprecações são ditas em voz alta (gritadas), de canto a canto da aldeia, num tom próprio para tais situações. Nessa oportunidade, pode-se dizer um ao outro o que se tem vontade, sem criar atrito ou ressentimento entre as partes. Mas, geralmente, o xingado responde ao impropério, fazendo pensar numa ligeira semelhança com certos “desafios”. Ouvem-se coisas tais como: fulano cabeça de macaco! perna de siriema! que tem cabelos de branco ou de negro... etc. E os xingatórios são feitos em meio a muitas risadas, provocando uma descontração geral. Dura até que a lua se esconde. É bom se ter em mente que, dentro da mitologia Timbira (Krahô), Lua/Putwre personifica o gênio atrapalhado, a quem se responsabiliza por todas as disfunções da natureza; a ela (ou melhor, a ele, pois, para os Timbira se trata de um ser masculino, tal como o sol) se atribui o desconcerto geral do universo, que gerou o sofrimento, as dificuldades e a morte. Putwre é o antagonico (ao mesmo tem-

po que companheiro) de Pyt/Sol, que se alinha com a perfeição, com a harmonia entre as coisas e os seres, de modo como Deus criou e quis que fosse.

### — Corridas de flecha ou de bastão.

São as corridas ao longo do Kricape (= caminho ou rua que perfaz todo o perímetro da aldeia, à frente das casas, em forma circular).

As disputas se dão entre os dois grupos naturais que caracterizam, praticamente, todas as competições: Katamjê X Wakmejê (= inverno x verão).

Essas corridas se fazem, basicamente, da seguinte maneira: duas pessoas são escolhidas dentro daqueles grupos (uma de cada um) para iniciar a competição, postando-se junto aos dois bastões (ou flechas) fincados no chão; após o sinal de partida, pega cada um o seu bastão e põe-se a correr e os demais correndo atrás; no decorrer do percurso, o bastão pode passar de um corredor a outro do mesmo partido; de modo que o grupo que retornar primeiro ao local de partida vence a corrida. Em vez de uma, podem ser mais voltas, como tam-

esses são apenas alguns exemplos de atividades que, além de surtirem o efeito imediato (= suprimento alimentar), servem de terapia para o grupo. Verdadeira dinâmica de grupo, campo aberto à criatividade, descontração que gera alegria.